

B, às práticas da arquitetura monumental, aos enterramentos, evidências que indicam mudanças de assentamento, ainda aliadas à raridade de sítios, forma-se um quadro que sugere uma transferência e concentração de recursos para o setor pastoril, um modelo até então não assinalado na Grécia.

O teste desse modelo, mesmo que não seja possível apenas pelas evidências arqueológicas, pode sê-lo através de outros meios: a relação entre o festival olímpico e práticas funerárias, uma interpretação de *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo e de seu tom pastoril, da topografia dos sítios micênicos, da presença de ossos de animais em tumbas micênicas, da forma das habitações que indicam seu uso sazonal e, por último, de diversas figuras animais em terracota nos santuários de Olímpia.

Tudo levaria à compreensão parcial de um modelo pastoril, sugerindo tratar-se de um modelo viável. A partir dele, voltando ao problema da duração da cultura material, encontraríamos a solução na ausência de um controle central após a queda dos palácios micênicos e na falta de inovações significativas no período. Seria possível que na Grécia central e sul, além da agricultura sedentária, as comunidades se apoiassem no uso pastoril dos vastos espaços. Tal conduta se quebra com a predominância do cultivo e com as conseqüentes tensões produzidas por esse regime econômico.

De uma maneira geral, poderíamos observar que o autor tinha em mente dois problemas distintos, o de situar a arqueologia clássica no mesmo nível das disciplinas acadêmicas e de restabelecer os vínculos entre a arqueologia clássica e a arqueologia. Efetuando conexões entre elementos aparentemente distintos, dentro de sua habitual linha de pensamento, Snodgrass executa um belo trabalho de elaboração e articulação das diversas esferas de atuação da arqueologia, ao menos no caso da Grécia. Diríamos

tratar-se de um pesquisador clássico excepcional por compatibilizar a arqueologia clássica (dita tradicional) e a *new archaeology*, senão com sucesso, ao menos com bases solidamente definidas. Com uma exposição rica em exemplos e explicações, o autor nos forneceu um quadro que poderia muito bem expressar as condições de realização real e potencial dos arqueólogos que possuam uma visão clara e crítica de seu trabalho e de suas perspectivas como arqueólogos e classicistas.

ÁLVARO HASHIZUME ALLEGRETTE  
Pós-Graduação de Antropologia Social  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

---

MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Tradução de Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, 158 p.

---

Deve-se celebrar a publicação em língua portuguesa do clássico de Arnaldo Momigliano, ainda que a tradução deixe a desejar, a começar pela amputação do que o título da obra tinha de mais saboroso no original: o próprio título principal, *Alien Wisdom*, que, acredito, se verteria bem em português como “Sabedorias bárbaras” (a exemplo do que se fez na edição francesa publicada pela Maspero, em 1979, e batizada de *Sagesse barbares*). Não se compreendem assim as razões que teriam levado à adoção apenas do sub-título original (*The Limits of Hellenization*) e, menos ainda, o porquê do enfadonho acréscimo de um novo

e desmesurado sub-título (*A interação cultural das civilizações...* etc.). Os defeitos da tradução — que, afinal, não tornam o livro ilegível como tem infelizmente acontecido com outros lançamentos recentes no Brasil — não devem todavia desmerecer o empenhamento nem, muito menos, ofuscar o fato de que o leitor de língua portuguesa possa dispor enfim — dezesseis anos após o aparecimento da edição inglesa — desse que é um dos mais clarividentes trabalhos de Momigliano, sem dúvida um dos mais brilhantes classicistas de nosso século.

Eu diria, sem receio de exagero, que *Alien Wisdom* é um livro raro. Raro em vários sentidos. Primeiramente, por constituir leitura erudita sem ranço de erudição, virtude que só o domínio da arte de escrever e dos temas abordados pode gerar. Por outro lado, raro também por eleger um tema de difícil deslindamento: as relações entre culturas diferentes, os fenômenos de contato, confronto, contaminação e mudança. Ainda: por fazer isso com meridiana clareza e simplicidade, sem recorrer a esquematismos ou a abordagens estereotipadas. Mais que por tudo, porém, julgo que *Alien Wisdom* é um livro raro pelo modo como nele se escreve a história, isto é, pela própria concepção de historiografia que orienta sua composição, em que os processos de transformação são a matéria prima sobre a qual se debruça o investigador, buscando nos dados não realidades estanques, mas cenários em mudança constante.

Pouco a pouco, em cada um dos seis capítulos — apresentados primeiramente sob a forma de conferências nos anos de 1973 e 1974, na Universidade de Cambridge e no Bryn Mawr College, respectivamente — Momigliano vai desenrolando diante dos olhos do leitor as tramas de um

acontecimento intelectual de primeira categoria: a confrontação dos gregos com quatro outras civilizações, três das quais

antes lhes tinham sido praticamente desconhecidas [romana, celta e judaica] e uma que fora conhecida sob condições muito diferentes [a iraniana] [p. 10].

A importância desse acontecimento para a configuração de uma *imago mundi* que persiste ainda hoje no Ocidente é bem clara, uma vez que, como observa o próprio autor,

o *homo Europaeus* se manteve intelectualmente condicionado por seus antecedentes helenísticos. O triângulo Grécia-Roma-Judéia ainda está no centro e é provável que permaneça no centro enquanto o Cristianismo continuar sendo a religião do Ocidente. A Pérsia, a Mesopotâmia e o Egito se mantêm mais ou menos onde a erudição helenística os colocou como detentores do saber bárbaro. Ainda se dá lugar de destaque em nossos compêndios aos fenícios e, em particular, aos cartagineses por suas instituições e colonização, porque os gregos se reconheciam nessas coisas. Os celtas, que foram apenas superficialmente tocados pela civilização helenística e representavam o maior temor para gregos e romanos, foram simplesmente deixados fora do tradicional mundo ocidental civilizado. [...] O conhecimento médio acerca da Índia de um homem instruído atual não é superior àquele a ser encontrado em escritores gregos e romanos. Até hoje não há obrigação, em nosso currículo tradicional, de se conhecer qualquer coisa acerca da China, porque os gregos e os romanos não conheciam nada ou quase nada a respeito dela. [...] A cultura helenística [...] reconheceu e ao mesmo tempo limitou a importância do Egito, da Mesopotâmia e sobretudo do Irã. Criou uma situação privilegiada de estímulo e desafio múltiplos entre gre-

gos e romanos e, numa área mais limitada, entre judeus e gregos [p.17-8].

Bem se vê o porquê da importância do período histórico e dos fatos estudados em *Os limites da helenização*, na medida em que, no contexto da primeira experiência documentada de uma “civilização internacional” (p. 16), cujo veículo de circulação de idéias é a língua grega, os gêneros literários gregos e a metodologia grega de abordagem etnográfica, geográfica e histórica, se lançam as bases do imaginário europeu tanto a respeito da própria identidade da Europa como *koiné* cultural, quanto a respeito dos outros — isto é, dos bárbaros. Dessa perspectiva, o estudo de Momigliano interessa não apenas aos especialistas nas culturas antigas, mas igualmente a todos aqueles que se propõem pensar as tensões e contradições que compõem o que se costumou chamar de mundo ocidental, seja de uma perspectiva interna, seja do ponto de vista mais amplo das relações do Ocidente com outros mundos diferentes que povoam o planeta. Se é parcialmente correto afirmar que essa visão de mundo é grega, romana ou judaica na origem, não se pode esquecer que não é devedora de nenhuma dessas três culturas isoladamente, mas do amálgama comum cuja formação se dá no âmbito do helenismo, do IV século a.C. até o II século de nossa era. Daí decorre mais uma virtude de *Alien Wisdom*: chamar a atenção dos classicistas para um período geralmente desprezado como decadentista e, por isso, pouco estudado, demonstrando como foi de veras o cadinho em que o imaginário e as instituições do Ocidente moderno se modelaram, uma época histórica singularmente rica, a cuja perspicácia se impuseram problemas novos, variados, difíceis e insuspeitados para gregos, romanos ou judeus anteriormente ao século IV a.C.

Momigliano destaca bem o papel de Roma nesse contexto, pois o Império será o palco em que atuarão os intelectuais gregos,

buscando responder aos desafios da experiência singular do mundo helenizado: “Roma, não a Grécia, preparou as condições que iriam tornar as relações entre ambas um caso singular” (p. 21). Antes de Políbio, os gregos, de fato, não avançaram além de um conhecimento superficial dos costumes e da vida romana. Por seu lado, os romanos aprenderam grego, assimilaram costumes e conhecimentos gregos com crescente rapidez a partir das primeiras guerras púnicas. Assim, criaram uma literatura latina, revolucionaram o modo como se escrevia a história em Roma e elaboraram uma visão de sua própria identidade e dos demais povos que os circundavam. O bilingüismo romano fornece exemplo destacado: enquanto, segundo diversas fontes, embaixadores e outras personalidades romanas entendiam e falavam com os gregos em sua própria língua, estes “só podiam falar aos romanos em grego e cabia aos romanos decidir se queriam um intérprete ou não” (p. 23). Embora, portanto, fossem os romanos devedores em grande escala de uma cultura estrangeira, esse mesmo fato os pôs em situação avantajada. Segundo o próprio Momigliano, “nunca poderemos determinar quanto do sucesso do imperialismo romano está implícito nesse esforço deliberado dos romanos para aprender a se exprimir e pensar em grego” (p. 25). O certo, porém, é que esse fato foi de importância capital, como bem se depreende de *Os limites da helenização*.

Momigliano esforça-se em seguir o percurso da formação dessas imagens nas obras de geógrafos, historiadores e etnógrafos helenísticos. Começando pela própria imagem de Roma, demonstra como Políbio e Posidônio desempenham papel de destaque na medida em que, identificados com o sucesso romano, logram situar o Império no contexto da história, da perspectiva do mundo helenizado, escrevendo tanto para seus compatriotas quanto para os próprios romanos. Políbio foi o precursor de uma vasta

gama de intelectuais gregos que aceitaram o domínio romano e colaboraram com ele assumindo a tarefa de “persuadir os líderes romanos a se comportarem de forma que não alienasse a maioria dos súditos e consequentemente não colocasse em perigo a posição daqueles provincianos de classe alta que haviam identificado seus interesses” com os do próprio Império (p. 34). Na mesma linha, Posidônio “forneceu uma espécie de teoria para justificar o poder político e a conquista” (p. 35), elaborando para os próprios romanos uma imagem de seu Império. A construção dessa imagem obedece a dois movimentos, que têm como ponto de referência a *koiné* helenística: de um lado, a aproximação dos romanos dos gregos, a partir da admissão de que se tratava de duas nações com mais afinidades culturais que quaisquer outras; de outro lado, como consequência disso, “empurraram os celtas e os cartagineses para uma categoria diferente. Era a categoria dos bárbaros [...]” (p. 49), de que os mesmos historiadores gregos cuidaram de elaborar uma imagem tanto para si quanto para os romanos.

Com respeito aos celtas, judeus e iranianos, constata-se um processo curioso. De um lado, embora a proximidade geográfica dos gregos com os celtas fosse antiga, tanto em Marselha quanto em relação aos gálatas da Ásia Menor, os escritores gregos se interessaram pouco em conhecer esses vizinhos antes que os romanos, movidos pela necessidade da expansão imperial, encarregassem eruditos helenísticos da tarefa. Por sua vez, a curiosidade pelos judeus foi praticamente nula antes do período helenístico, apesar da proximidade e das inevitáveis relações comerciais e militares que parecem ter existido entre os dois povos. Trata-se, nesse caso, de um descobrimento mútuo. Os sucessos históricos narrados nos livros dos Macabeus demonstram como os contatos com o helenismo foram igualmente perturbadores para as instituições judaicas. Finalmente, ressalta-se

como, no que diz respeito à Pérsia, ainda que houvesse uma imagem idílica das cortes iranianas, cuja importância se impusera desde as guerras médicas, manifestando-se na literatura, na historiografia e nas artes, o helenismo redescobrirá o Irã, movido sobretudo pelo interesse pelas religiões orientais. Desse interesse pelas idéias e práticas religiosas dos profetas judeus, dos magos persas — e também egípcios e indianos — derivará mesmo a tendência de admitir que a sabedoria grega seja devedora das sabedorias bárbaras. Sabedorias bárbaras que ganham importância a partir do momento em que passam a ser expostas em grego e interpretadas por hermeneutas gregos ou helenizados.

Religião e política, em suma, configuram os dois grandes vetores que orientam o interesse dos gregos por essas sabedorias bárbaras. Como conclui o próprio Momigliano, assim

nos deparamos com o dilema da civilização helenística. Ela possuía todos os meios para conhecer outras civilizações — exceto o domínio das línguas. Possuía todos os sinais de uma classe alta vitoriosa e dominante — exceto a confiança no próprio saber. Muitos dos gregos voltados para a política escolheram Roma; muitos voltados para a religião foram para uma Pérsia imaginária e um Egito imaginário. [...] Os romanos tiraram partido da cooperação técnica grega para formar o seu conhecimento das terras bárbaras e, por fim, conquistar os próprios gregos. [...] Os gregos exploraram o mundo dos celtas, dos judeus, dos persas e dos próprios romanos. Os romanos venceram os celtas, os judeus e os próprios gregos [p. 132].

JACYNTHO LINS BRANDÃO

Departamento de Letras Clássicas

Faculdade de Letras

Universidade Federal de Minas Gerais